

# Cidade

**NATUREZA A VENDA** Prestes a ser terceirizado, o Parque Nacional da Tijuca enfrenta a má conservação e o crescimento das favelas.

## O desafio ecológico do Rio

Fotos de Sandra de Souza

ALFREDO HERKENHOFF E SIMONE CANDIDA

Alvo de uma disputa entre o Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Prefeitura do Rio, a maior floresta urbana do mundo está prestes a ser terceirizada, oferecendo à iniciativa privada um pacote com 3.200 hectares de beleza e problemas. Dono de fauna e flora exuberantes – 300 espécies de bichos e 600 de árvores e plantas nativas de Mata Atlântica –, o Parque Nacional da Tijuca enfrenta deficiências como o pequeno número de fiscais, a favelização de seu entorno e a degradação das instalações turísticas.

As mazelas talvez expliquem os baixos índices de visitação do parque. Apesar de tantos atrativos naturais o número de visitantes é de 1,45 milhão por ano, frequência muito tímida, se comparada, por exemplo, com as praias: segundo o coronel Paulo Roberto Moreira Goulart, comandante do Grupo Marítimo dos Bombeiros, o público anual do parque é inferior ao que frequenta as praias do Grande Rio num fim de semana de verão.

A diretora do Parque Nacional da Tijuca, Sônia Peixoto, reconhece que o clima na estátua do Cristo Redentor é de "rodoviária" e que não tem condições de oferecer o conforto que os visitantes merecem. "Até os banheiros não têm condição de atender tanta gente. A caixa d'água não tem capacidade", afirmou.

Enquanto a terceirização não chega que se vê, nos mais de 40 quilômetros de estradas cortando a mata, são placas com marcas de tiros, guaritas depredadas e queixas de turistas. Este mês, o Sindicato dos Guias de Turismo denunciou que crianças e idosos vendiam papel higiênico na porta dos banheiros do Corcovado.

**Garis** – O parque tem 34 funcionários e 41 seguranças. Conta ainda com 24 garis de uma cooperativa de favelados – uma solução para substituir a Comlurb, que pedira R\$ 800 mil por ano à administração do parque. A cooperativa, que eventualmente atende outros parques do estado, cobra R\$ 34 mil mensais ao Ibama. O parque recebe do governo federal R\$ 1 milhão por ano e obtém mais R\$ 800 mil com os ingressos do Corcovado.

Um problema antigo enfrentado pelo Ibama – e que tem recebido severas críticas da prefeitura – são os contratos com os dois restaurantes e as quatro lojas de souvenirs que exploram a área do Corcovado há 30 anos. Para atuar em um dos mais belos cartões-postais do Rio, cada estabelecimento paga ao Ibama mais R\$ 211 por mês. O parque briga na Justiça Federal para retirá-los, uma vez que os contratos estão vencidos há muito tempo.

Para a diretora Sônia Peixoto, a situação vai melhorar muito com a chegada da iniciativa privada. Um consórcio de consultores, batizado

de Amigos do Parque, está traçando um plano estratégico para as futuras parcerias com empresas. Este grupo, formado por 25 pessoas, trabalha há um mês. De antemão, já se sabe que eles devem criar um pedágio para quem quiser passear pela floresta – hoje só são cobrados ingressos para o Cristo Redentor.

"Temos mais uns quatro meses de trabalho. A primeira área será o Corcovado, cujas concessões vão despertar muito interesse", disse o engenheiro ambientalista João Alfredo Viegas, da Concremate, firma de consultoria que integra o Amigos do Parque. A Fundação Roberto Marinho banca os cinco meses de trabalho para o plano, orçado em cerca de R\$ 500 mil.

**Equipe** – Arquitetos, advogados e engenheiros florestais da Concremate, da ong Siga (Sociedade de Incentivo e Apoio ao Gerenciamento Ambiental) e da empresa ambientalista francesa DBE desenham o plano estratégico. Devido a divergências com o Ibama, a prefeitura desistiu de participar. O prefeito Luiz Paulo Conde, não acredita nos planos do Ibama: "Eles não têm controle sobre o parque. Não fazem a fiscalização, nem deixam a prefeitura fazer", criticou.

Conde reagiu com indiferença ao anúncio de que o presidente Fernando Henrique Cardoso estuda transformar o parque em organização social, modelo de gestão que agiliza a administração na hora de contratar empresas privadas. O prefeito defende a retirada dos restaurantes do parque e uma licitação para as novas explorações. Conde sugere ainda a criação de pedágio e uma vigilância eficaz. Ele criticou Sônia Peixoto pela forma como controla o Corcovado, cobrando um ingresso que considera como "caríssimo": R\$ 5 a entrada de cada pessoa mais R\$ 5 por cada carro.

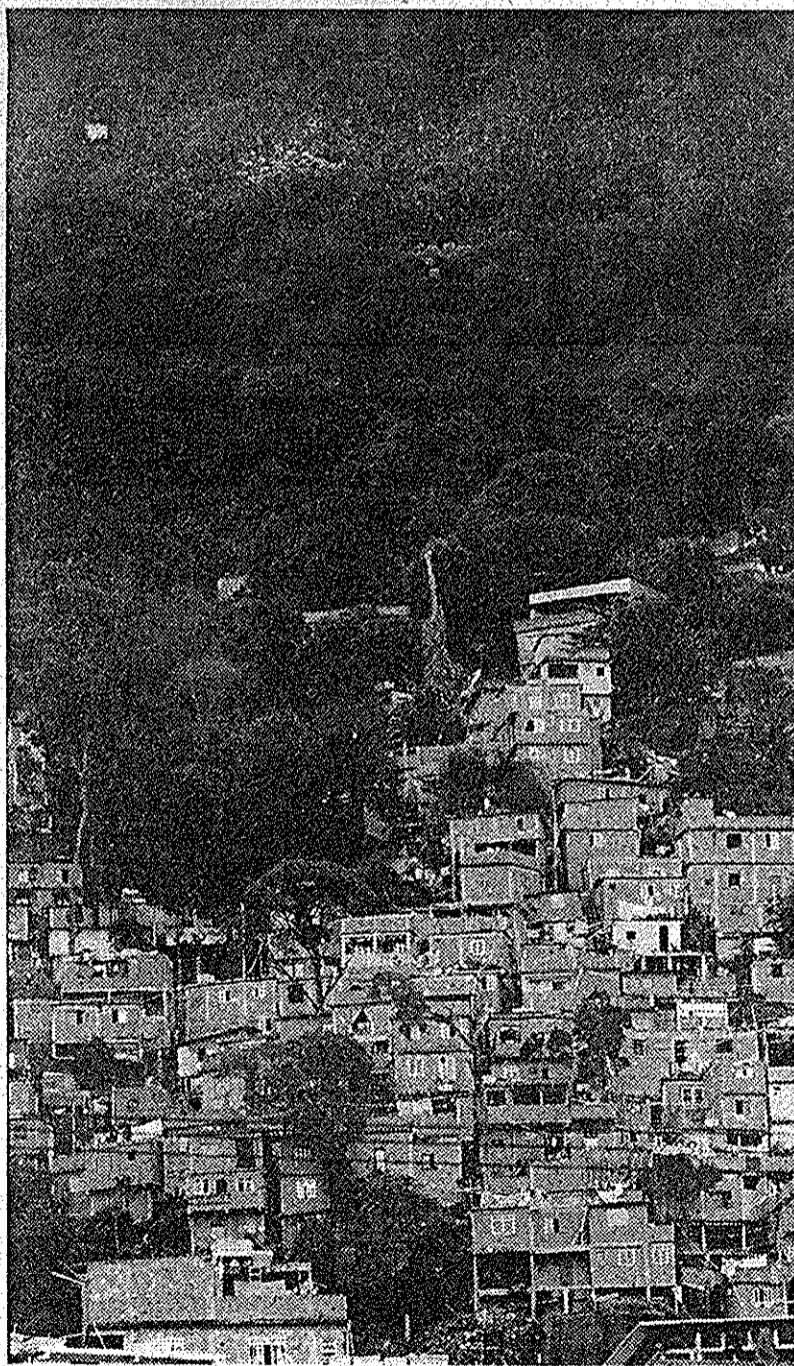
**Queixa** – Diante da queixa de Sônia Peixoto contra os R\$ 800 mil cobrados pela Comlurb, Conde argumentou: "Por que a Comlurb vai trabalhar de graça, se eles mantêm restaurantes sem licitação?"

A prefeitura, que sempre defendeu a municipalização do parque, em 1995, assinou com o Ibama um convênio de gestão da área. O convênio, porém, passou a ter peso de consultoria e não de execução, esvaziando os planos da prefeitura.

Para se ter uma idéia do que poderá ser feito com a terceirização no Rio, o Ibama lançou este mês dois editais de licitação no Parque Nacional de Iguazu. Um trata de estacionamento, transporte de passageiros no parque, lanchonetes, restaurantes e um centro de educação ambiental. O outro trata de elevadores panorâmicos e uma *trilha elevada* – caminho aéreo percorrido a pé ou por teleférico. O supervisor do Ibama no Paraná, Jonel Nazareno Iurk, estimou que as obras custarão de R\$ 15 a R\$ 20 milhões. A vigência da concessão é de 20 anos.



Na estrada que leva o turista à Vista Chinesa, a placa furada por tiros denuncia a conservação deficiente da maior floresta urbana do mundo.



O crescimento da Favela da Rocinha ameaça os limites do parque

### Fronteira invadida

Pelo menos 43 favelas beiram os limites do Parque Nacional da Tijuca, a maioria erguida em área de proteção ambiental. Perigo crescente, as favelas não chegaram até o interior do parque, mas preocupam o Ibama e a prefeitura. A área mais degradada é a chamada vertente Norte do Maciço da Tijuca, que reúne favelas como os morros da Formiga, na Tijuca, e Nova Divinéia, no Grajaú, muito próximas da floresta. Na vertente Sul, a maior ameaça é a Favela Rocinha, em São Conrado: a área conhecida como Laboriaux já está cruzando a fronteira do parque.

O secretário municipal de Habitação, Sérgio Magalhães, responsável pelo programa Favela-Bairro, disse que tem usado diversos mecanismos para impedir o avanço das favelas, mas adverte que é preciso um trabalho de conscientização ambiental para evitar a devastação. "No Vidigal, construímos um muro de 50 centímetros de altura. Na Rocinha, em um ano e meio, retiramos quase 200 famílias de área de risco e de preservação. Já na Tijuca, na Favela Mata Machado, precisamos de muros altos. No Reboças (Cosme Velho, Zona Sul), usamos cercas com marcos a cada dez metros e um cabo de aço entre eles", enumera o secretário.

Sérgio Magalhães acusou governos anteriores de terem acalentado a idéia de que o controle não era possível. "Em três anos, extirpamos 52 favelas do Rio. Aquelas sob viadutos tiramos mesmo", afirmou, advertindo que ninguém deve se iludir quanto a uma solução definitiva no problema das invasões.

A diretora do Parque Nacional da Tijuca, Sônia Peixoto, informou que há em andamento um estudo de classificação das 43 favelas. Além das favelas consolidadas, o parque enfrenta a ameaça das invasões isoladas. "Vira e mexe, nossos agentes encontram famílias morando em guaritas e dentro da mata. Eles usam paus e sacos de lixo para fazer cabanas. Sem a segurança, não adianta recuperar uma guarita, porque em 24 horas carregam até vaso sanitário, telhas, janelas e portas", lamenta Sônia.

**Famílias** – Oficialmente, dentro da área do parque vivem apenas 50 famílias, formadas por funcionários públicos aposentados.

Apesar do crescimento das favelas, um projeto de lei da prefeitura, em tramitação na Câmara Municipal, permitindo a construção acima da chamada cota 100 (100 metros acima do nível do mar), está criando polémica. A prefeitura argumenta que o projeto evitará o crescimento de favelas, porque permitiria a construção de condomínios nestas áreas. Já os opositores pensam o contrário.

"Não podemos esquecer que, em 100 anos de favelização do município, apenas 5% das encostas foram ocupadas. Com a aprovação desta lei, talvez 100% das encostas estejam ocupadas antes que cinco anos se passem", advertiu Gilson Dimenstein Koatz, coordenador da Associação de Moradores e Amigos do Jardim Botânico, um das entidades que condenam o projeto.

Continua na página 27

### Maciço perde verde

Em 1966, o Maciço da Tijuca era coberto por 58,1% de floresta. Em 1990, a cobertura caiu para 40,7%. Os dados integram tese de mestrado desenvolvida no Laboratório do Geo-Hidroecologia da UFRJ, pelo professor Manuel do Couto Fernandes. "Pode-se calcular que, até 1990, o maciço perdeu 0,8 quilômetro quadrado por ano. Neste ritmo, em 50 anos não haverá mais floresta no maciço", adverte Ana Luíza Coelho Netto, coordenadora do Laboratório, estimando que, atualmente, é devastado um quilômetro quadrado por ano.

Desmatamentos, queimadas causadas por lixo e balões, favelização, construção de casas e erosão são as principais causas da devastação, que não agride apenas a beleza do lugar.

"A floresta é também uma proteção das encostas, pois ameniza o clima e regula a distribuição das águas da chuva", explica Ana Luíza.

As árvores altas – com raízes mais profundas – atuam como estabilizadoras das encostas, impedindo a erosão. Segundo a pesquisadora da UFRJ, que desenvolve estudos na região há 20 anos, a vertente Norte do maciço (Tijuca, Vila Isabel, Andaraí e Grajaú) é uma das áreas mais degradadas por incêndios, queimadas e invasões. De acordo com a pesquisadora, o resultado é a morte das árvores mais altas, desestabilizando o sistema. Por isso, quando cai uma chuva forte, a região da Tijuca, Grajaú e Vila Isabel sofre com enxurradas.

Documentação  
JPB  
30/8/98 27 cont  
Class. 335

**NATUREZA A VENDA** Maciço da Tijuca mantém 40% de suas florestas, que conservam a exuberância de animais e plantas

Francisco Ferreira/Arte JB

# A Mata Atlântica resiste

ALFREDO HERKENHOFF E SIMONE CANDIDA

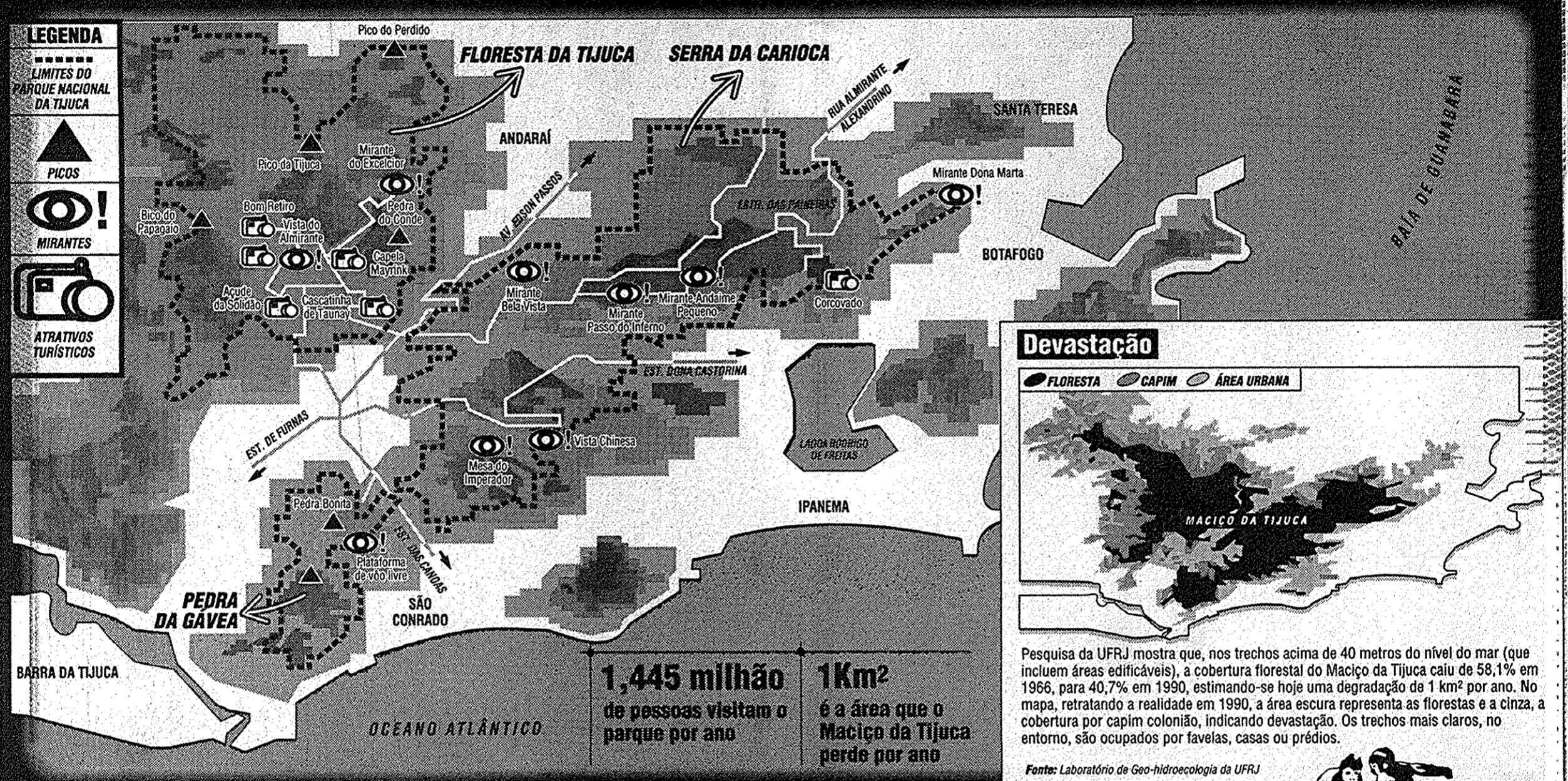
Uma das referências da Cidade Maravilhosa, a floresta que encobre as montanhas do Maciço da Tijuca foi declarada pela Unesco reserva da biosfera. Devastada a partir do fim do século 18 em meio à febre do 1º Ciclo do Café, a floresta renasceu em 1861, com o replantio determinado por Dom Pedro II,

mostrando que o homem, o maior dos predadores, às vezes consegue se aliar à natureza.

Atração turística, campo de estudo e exemplo remanescente da Mata Atlântica, o parque é uma ilha verde ameaçada por problemas sociais como favelas, banhos, caçadores e poluição. Mas se mantém como a maior floresta urbana do mundo, em uma área de 3.200 hectares, o que equivale a 3.950 gramados do

Maracanã. Apesar de o Maciço perder, por ano, um quilômetro quadrado de mata, a natureza tem conseguido resistir à devastação: 40,7% das montanhas ainda são cobertas por florestas.

Tendo como um dos seus símbolos o Cristo Redentor no Morro do Corcovado, a floresta é abrigo para animais e plantas que encantam os olhos dos 5 milhões de cariocas que moram em sua volta.



## A flora

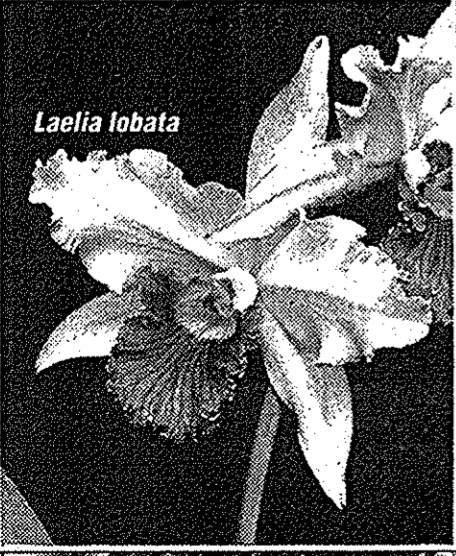
Na área do parque, há cerca de 600 espécies de plantas e árvores nativas de Mata Atlântica. Num levantamento recente, foram catalogados jequitibás, cedros, jacarandás, ipês- amarelos, sapucaias, figueiras-da-terra e outros exemplares originários da Região Sudeste. Entre as espécies ameaçadas, está a *Laelia lobata*, orquídea rara que só floresce nos municípios de Niterói e do Rio e pode ser encontrada nos arredores da Pedra da Gávea.

Fonte: Tese de mestrado Conservação de Biodiversidade em Parques Urbanos, da bióloga Cecília Bueno, especialista em gestão ambiental e administração do Parque Nacional da Tijuca

## 600 espécies de plantas e árvores formam o parque



Sapucaia



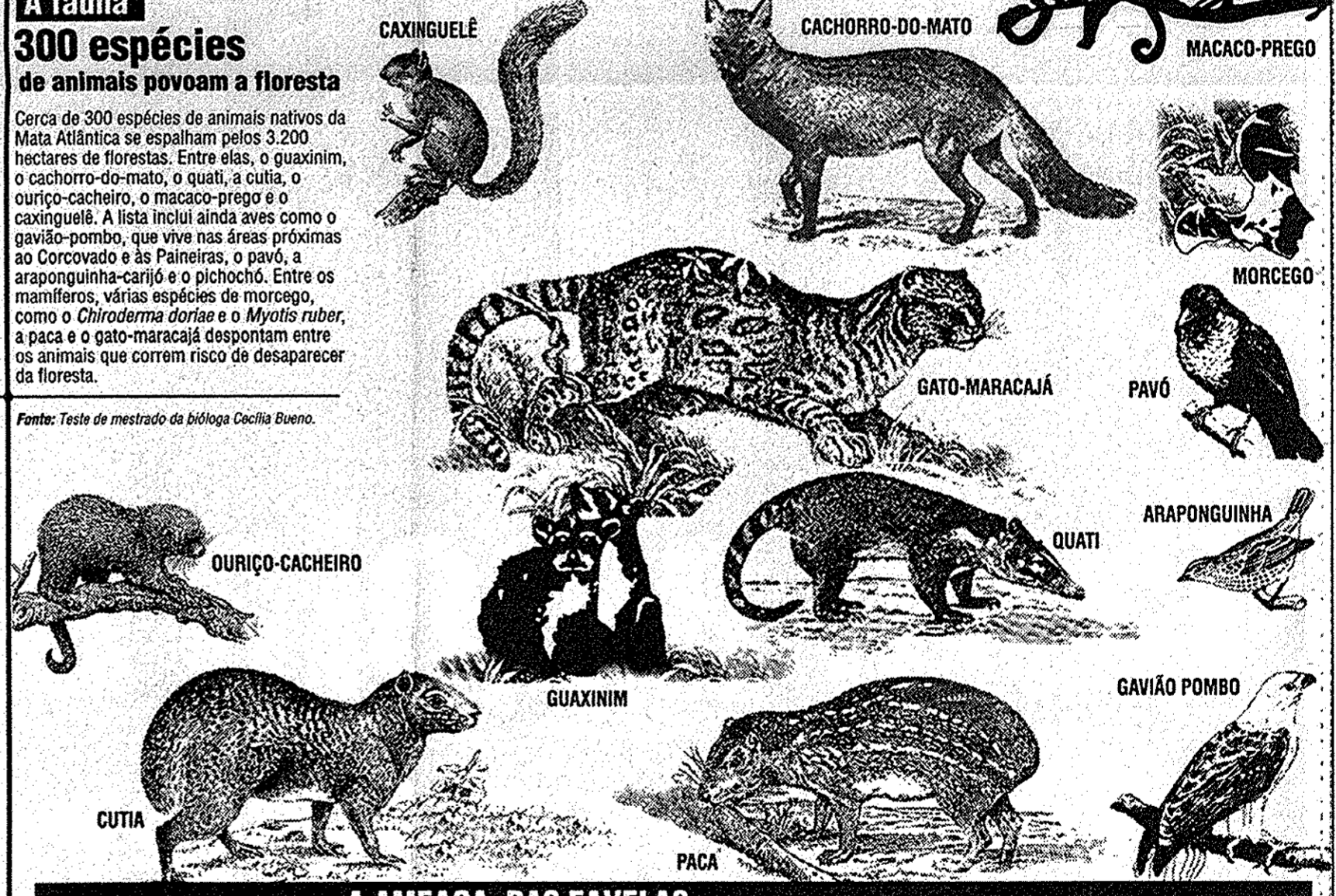
Laelia lobata

## A fauna

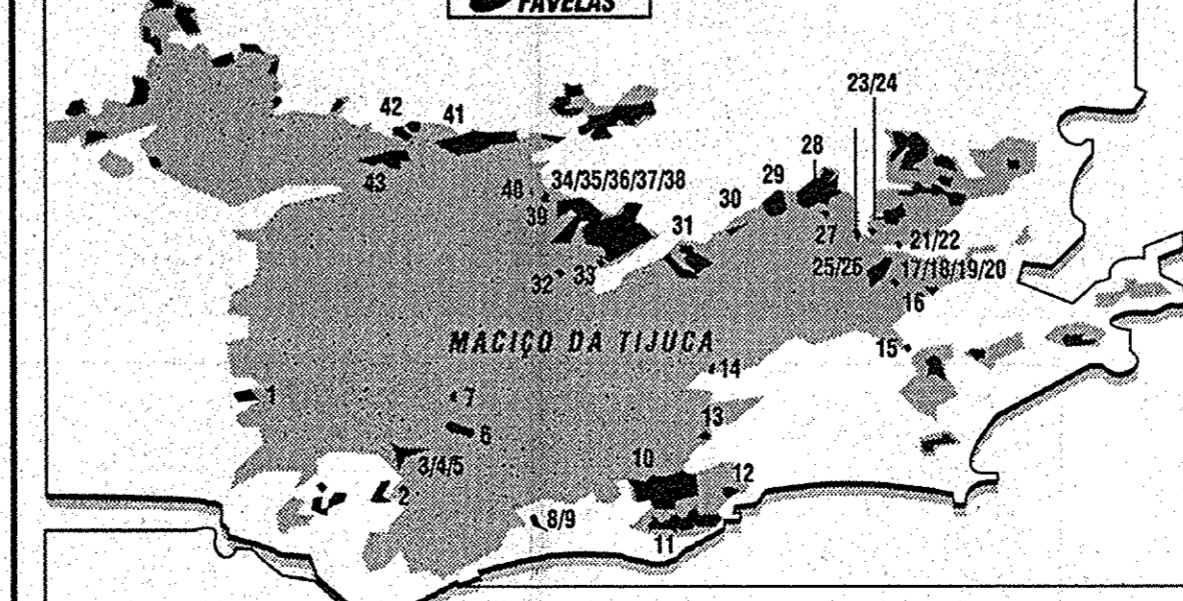
### 300 espécies de animais povoam a floresta

Cerca de 300 espécies de animais nativos da Mata Atlântica se espalham pelos 3.200 hectares de florestas. Entre elas, o quaximim, o cachorro-do-mato, o quati, a cutia, o ouriço-cacheiro, o macaco-prego e o caxinguelê. A lista inclui ainda aves como o gavião-pombo, que vive nas áreas próximas ao Corcovado e às Paineiras, o pavó, a araponguinha-carijó e o pichochó. Entre os mamíferos, várias espécies de morcego, como o *Chiroderma doriae* e o *Myotis ruber*, a paca e o gato-maracajá despontam entre os animais que correm risco de desaparecer da floresta.

Fonte: Tese de mestrado da bióloga Cecília Bueno.



## A AMEAÇA DAS FAVELAS



A administração do parque está classificando as favelas do seu entorno pelos riscos - alto, médio e baixo - que apresentam. Trechos da Rocinha (São Conrado), Formiga (Tijuca) e Nova Divinéia (Andaraí) já são considerados ameaça aos limites do parque. Furnas, Tijuca e Agrícola, no Alto da Boa Vista, devem receber cercas da prefeitura em outubro. O projeto *Mutirão de Reflorestamento*, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, está replantando 171 mil mudas em 242 hectares nas encostas do Rio. Participam do projeto, de R\$ 220 mil por mês, 50 moradores de favelas.

## 43 favelas foram erguidas no Maciço da Tijuca

Fonte: Ibama e IplanRio

- 1 - Estrada do Sertão
- 11 - Vidigal
- 20 - Cerro Corá
- 27 - Sumaré
- 2 - Floresta da Barra
- 12 - Chácara do Céu
- 21 - Prazeres e Escondidinho
- 28 - Complexo do Turano
- 3 - Fazenda
- 13 - Vila Parque da Cidade
- 22 - Vila Elza
- 29 - Salgueiro
- 4 - Furnas
- 14 - Modesto Blocos
- 30 - Trapicheiros
- 5 - Agrícola
- 15 - Humaitá
- 31 - Formiga
- 6 - Mata Machado
- 16 - Santa Marta
- 32 - Doutor Catrambi
- 7 - Tijucaçu
- 17 - Vila Imaculada Conceição
- 33 - Borel e Chácara do Céu
- 8 - Pedra Bonita
- 18 - Guararapes
- 34 - Casa Branca
- 9 - Vila Canoas
- 19 - Vila Cândido
- 26 - Paula Ramos
- 35 - Morro do Bananal
- 10 - Rocinha
- 36 - Morro do Cruz
- 37 - Complexo do Andaraí
- 38 - Parque João Paulo II
- 39 - Nova Divinéia
- 40 - Borda do Mato
- 41 - Complexo do Grajaú
- 42 - Bairro Ouro Preto
- 43 - Favelinha do Cardoso